

Presidente reconhece necessidade de ordenar situação interna.

O presidente Fernando Collor afirmou ontem, ao abrir os debates da Assembléia Geral das Nações Unidas, que o Brasil, ao mesmo tempo em que reclama por uma nova ordem econômica internacional, reconhece "a obrigação de ordenar a situação interna". O presidente afirmou que "ao mundo, nada pedimos que não estejamos dispostos a dar e nada propomos que não estejamos dispostos a fazer". Mas o Brasil, explicou, "é um País demasiado complexo para ser tratado com receitas padronizadas: não há fórmulas mágicas, nem milagres econômicos".

Desequilíbrio

Collor alertou que "existe uma ameaça concreta à estabilidade e à segurança da comunidade internacional no desequilíbrio crescente entre os países desenvolvidos e aqueles em desenvolvimento". Num pronunciamento de 29 minutos, o presidente celebrou o fim da luta ideológica, mas, retomando o surrado tema das relações Norte-Sul, afirmou que a crise dos países pobres cria um paradoxo. "É como se caminhássemos, simultaneamente, para o conagraamento na liberdade e para a separação na desigualdade".

Aparentemente preocupado em evitar o tom terceiro-mundista que passou a marcar suas declara-

ções de política externa, Collor acabou fazendo um pronunciamento opaco e sem eixo, repleto de propostas impraticáveis, que espelha bem a atual falta de rumo da diplomacia brasileira. O presidente advertiu, por exemplo, que assim como ninguém podia se sentir seguro diante da possibilidade da guerra nuclear "ninguém pode julgar-se em segurança num planeta em que pobres e marginalizados aumentam, dramaticamente, em número e extensão".

Entraves

Conforme o presidente, "é chegado o momento de o liberalismo adquirir, no plano internacional, a consciência social que já incorporou em nível nacional". Ele citou algumas dificuldades para dos países mais pobres, como "o problema agudo da dívida externa; os entraves arbitrários para transferência de tecnologia; e o desrespeito às regras de mercado, na forma de políticas protecionistas". Sobre isso, Collor destacou o seu empenho em lutar pelo êxito da rodada uruguaia do GATT. "Acreditamos que a liberdade de comerciar deve estar amparada em bases de sólido equilíbrio".

Ele ainda aproveitou o discurso para convidar todos os líderes a participarem da Conferência Mundial de Meio Ambiente e De-

envolvimento (Eco-92), a ser realizada no Rio de Janeiro, no próximo ano. "Vamos debater políticas mais eficazes na erradicação da pobreza e na correção de padrões absolutamente insustentáveis de produção e de consumo". A transferência de tecnologias ambientalmente adequadas exige, segundo ele, um "tratamento inovador da questão da propriedade intelectual, com vistas a um regime que favoreça o acesso dos países em desenvolvimento aos avanços do mundo industrializado neste campo".

O presidente, que no sábado prometera deixar claro apoio do Brasil à reversão de uma resolução aprovada pela ONU, em 1975, classificando o sionismo como uma forma de racismo, tocou obliquamente no tema. Ao falar sobre a crise do Oriente Médio, disse que "a aplicação de rótulos que tem agravado a desconfiança entre as partes deve ser reconsiderada". Duas horas mais tarde, o presidente George Bush, falando da tribuna da ONU, respondeu indiretamente a Collor, que estava no plenário. "Ouvimos falar dos problemas Norte-Sul, mas o mercado aberto e livre oferece aos países em desenvolvimento os meios para a auto-suficiência e a dignidade econômica", observou o presidente norte-americano.

P.S./AE